Ano 29.º — Sábado, 25 de Abril de 1936 — N.º 1420

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro
Toda a correspondência deve ser dirigida ao director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Hava

SEMANA DAS COLÓNIAS

O povoamento das Colónias Portuguêsas

Graças à propaganda da Sociedade de Geografia, um número, cada vez maior, de portugueses vai conhecendo melhor as nossas Colónias e vai fazendo uma ideia mais completa do que elas valem.

Há já muita gente disposta a partir para povoa-las.

Mas dizem-lhe: esperem que os técnicos coloniais digam onde, como e em que condições se devem instalar.

E, entretanto os terrenos melhores começam a aparecer salpicados de edificações, construídas, muitas delas, por quem não se bateu nem pelo direito, nem pela liberdade, nem pela civilização, nem pela justiça.

A par disto os povos mais fortes já não ocultam o intento de terem colónias custe o que custar; e vai-se insinuando que os mais fracos têm de lhas dar.

Alguns contentam-se por ora com a cedência das terras para os seus emigrantes, deixando intacta a soberania.

Respeitarão as leis, acatarão a justiça, pagarão os impostos; enfim, comportar-se-ão como se portugueses fossem.

E vão partindo à formiga, enquanto não seguem, autorizados, em grandes massas.

Ora nós também temos excedente de população, ansiosa por emigrar; temos muitos milhares de famílias, gente do campo, que luta com a miséria porque lhe escasseia o pão.

Porque não havemos de utilizá-los para a ocupação das terras que os outros ambicionam?

Dispensemos mais estudos, que os estrangeiros também os dispensam.

Lembremo-nos de que o povoamento das terras começou com as descobertas. E se não se acentuou em Africa, foi porque o Brasil, terra dos nossos encantos, absorvia todas as disponibilidades.

Receiam-se insucessos como os que o passado regista. Mas, investigando-lhes as causas, vê-se que eram fáceis de prever e ainda mais fáceis de evitar.

E nem tudo foi mau.

A Colónia de S. Januario, tão malsinada, dá já matéria prima para um liceu florescente.

Sem duvida.

Mas muito dinheiro custa o Exercito e a Marinha que asseguram a soberania, e ninguém o regateia.

E o dispêndio com a colonização assegura mais o domínio útil das terras que, doutra maneira, passam para as mãos de estranhos.

Ocupe-se a terra com gente luza, antes que gente estranha o faça.

Portugueses! E' vosso dever povoar Angola e Moçambique!

E é mais urgente do que se pode pensar.

Faça-se isso já:

Para Bem da Nação.

Lopes Galvão

Efemérides

25 de Abril

1835 — As Côrtes votam a dádiva de 100 contos de reis, em bens nacionais, aos duques da Terceira e de Palmela e ao marquês de Saldanha, ficando os soldados na penúria.

1903 — Morre em Lisboa o socialista Ernesto da Silva, que se salientou no seu partido como jornalista, orador, dramaturgo e propagandista dos mais dedicados.

1908 — Inaugura-se em Coimbra o 9.º Congresso Republicano, em que todos os jornais do partido se fizeram representar pelos respectivos directores, inclusivé o *Democrata*.

1909 — O parlamento turco vota a deposição do sultão.

Pontos nos ii

—o—

A questão entre o sr. dr. Torres Garcia, do *Diário de Coimbra*, e o *grande panfletário*, havia ficado, em 12, no seguinte pé, por parte do último:

E sôbre êste assunto nada mais se publicará nêste jornal. (O seu órgão). Mas no número imediato voltou à estacada. O descaramento, depois de ter afirmado:

Porque eu era absolutamente incapaz, era e sou, de dizer hoje uma coisa e àmanhã fazer outra...

Trampolineiro? Isso são os políticos, em geral, que nanja êle...

Êste número foi visado pela Censura

DE VELA

Começaram a saír os primeiros barcos que se des inam à pesca do bacalhau nos bancos da Terra Nova e Groenlândia, ndo já no alto mar os lugres *Silvina* e *Cruz de Malta*, da emprêsa Testa & Cunhas.

Feliz viagem e bôa safra lhes apetecemos.

Um perigo para a viação

A estrada da Barra, tal como se encontra, cortada de espaço a espaço, constitue um verdadeiro perigo para os que por ela tenham de transitar. Lembrâmos, por isso, a conveniência de a repararem antes da época das praias e das excursões de modo a oferecer a indispensável segurança.

CARTA DE LISBOA

Ventos da Espanha...

O deputado espanhol Calvo Sotelo enumerou, há dias, no Parlamento, os atentados cometidos em Espanha desde 16 de Fevereiro até o dia 2 de Abril.

Póde o sr. Azaña declarar que «não se concebe que combatam o Estado indivíduos que dele recebem dinheiro» ou dizer aos deputados comunizantes, que o foram felicitar pelas suas violências contra os fascistas; «espero que outras medidas que projecto vos causarão aínda maior satisfação.»

Isso só aumentará a sua responsabilidade perante a História e explica melhor o ambiente nacional que tornou possível, no referido período, 199 ataques a edifícios, sendo 58 contra sédes de partidos políticos, 72 contra edifícios públicos e particulares, 33 contra habitações particulares e 36 contra igrejas, onde foi destruído todo o mobiliário e alfaias.

Foram incendiadas 12 sédes de partidos políticos, 45 edifícios públicos e particulares, 15 habitações particulares e 106 igrejas, das quais 56 arderam completamente. Durante as mesmas seis semanas tem havido 11 greves gerais, 169 recontros mais ou menos sangrentos; 39 fuzilamentos, 85 atentados a tiro de pistola contra particulares e 24 atentados bombistas. 345 pessoas ficaram mais ou menos feridas e 74 pessoas morreram em conseqüências de atentados.

A lição a tirar desta simples amostra da Espanha actual, *governada* pela Frente Popular, despótica e anarquisante, que a tire cada um de harmonia com a sua maneira de pensar e a realidade dos factos, mas sem esquecer, no seu próprio interêsse, as conseqüências de tôda a ordem que certamente advirão do seu procedimento.

Em Portugal

Enquanto lá fóra lavra a confusão e a desordem, ameaçadoras duma nova guerra, e na vizinha Espanha campeia a anarquia comunizante, Portugal continua a sua Revolução Nacional, sob a égide do Estado Novo e firma dia a dia a sua obra de reconstrução material e moral, realizada pela dedicação e o génio de Salazar.

Aínda no sábado último, em Vila Nova de Gaia, uma nova jornada corporativa, efectuada para festejar a assinatura de novos contractos colectivos de trabalho e empossar a direcção duma «Caixa Inter-Sindical de Previdência», a primeira a ser constituída em Portugal, prova difinitivamente a victória do Estado Novo Corporativo e mostra a preocupação, o cuidado e o carinho com que o nosso Govêrno, ao mesmo tempo que atende e resolve os vários problemas de ordem económica e financeira, procura afoitamente satisfazer as aspirações de carácter social, de harmonia com a justiça e a humanidade e sem esquecer nunca às realidades nacionais.

O sr. dr. Teotónio Pereira, ministro do Comércio e antigo Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social, disse a certa altura do seu admirável discurso, referindo-se á criação da primeira Caixa de Previdência: — «Anunciamos á Nação a nossa mensagem de esperança. Trabalhamos duramente, vencendo incompreensões, resistências e adversidades; aqui está, porém, a primeira obra completa das muitas que queremos realizar.»

Na Espanha, á mesma hora em que esta festa se realizava, com a assistência de vários ministros, muitos milhares de trabalhadores e de patrões, irmanados e no mesmo anceio de par e de justiça social, continuava e continua aínda — a anarquia sangrenta permitida e apoiada pela Frente Popular.

C.

A "HORA NOVA„ E A "HORA VELHA"

CHAMANDO Á ORDEM

O Democrata não tem qualquer interêsse oculto nem pretende, com a sua atitude, molestar quem quer que seja. Todavia acha que os reverendos párocos das duas freguezias da cidade estão dando um péssimo exemplo de rebeldia, não acatando uma lei que foi publicada para se cumprir em todo o país e por isso necessário é que seja observada integralmente para evitar lamentáveis confusões. Perante essa lei todos os relógios fôram adiantados 60 minutos, passando a regular-se pela chamada *hora de verão* **todos os serviços públicos e particulares** dentro do continente da República. Nada mais claro. Porque não observam os reverendos párocos da cidade estas determinações? Porque carga de água se consente que numa das paróquias as trindades do meio dia sejam tocadas às 13 horas e que na outra se siga o exemplo ou se suprima êsse sinal com manifesto prejuizo dos que por êle se costumam orientar?

Dizia esta semana um jornal do Pôrto, referindo-se ao mesmo assunto, que «a ordem e a disciplina são cada vez mais necessárias aos que desejam aglomerar-se para enfrentar situações que lhes desagradam ou para fazer triunfar ideologias que os inebriam.» Por isso — acrescentava — «**tudo quanto possa concorrer para fomentar a desordem e a indisciplina é contrário à razão e ao bom senso.**»

Certamente. Nem faz sentido que estando o clero português a ser beneficiado, mais do que ninguém, com a estabilidade da actual situação, parta dêle uma atitude da natureza daquela que apontâmos e é geralmente reprovada.

«Não deve, portanto, consentir-se que nêste aparentemente pequeno pormenor da vida nacional, haja caprichosas manifestações de desrespeito às leis. As autoridades possuem elementos suficientes para conseguir que em todos os cantos do país se cumpra a disposição mandada pôr em vigôr» e nessa conformidade esperâmos que, para prestígio do nacionalismo, não demorem as medidas que nêsse sentido tenham de ser adoptadas.

Feira de Março

=o=

Ainda existem restos dela. São os que gostam de aproveitar tudo por considerarem que migalhas também são pão.

Não lhes queremos mal; antes pelo contrário.

BAILES

—o—

No salão do *Club dos Galitos* teve lugar, domingo de tarde, uma *matinée* dansante que não logrou grande animação devido, talvez, a outras diversões que nêsse dia se efectuaram.

Agradecemos o convite.

* * *

No mesmo club realiza-se na noite de quinta-feira — 30 de Abril para o 1.º de Maio — uma *soirée* para a qual a comissão organisadora conta reúnir a fina flôr das nossas tricaninhas.

Será abrilhantada por um magnífico *jazz*.

Ponte de Carcavelos

=o=

Já há tempo que chamámos a atenção para o estado em que se encontra a ponte de madeira construida sôbre o Canal de S. Roque.

Não fômos atendidos e isso poderá dar origem a algum desastre.

De novo lembrâmos êste bico de obra.

Lêr a 4.ª página

CURIOSO

Em casa dum velho egiptólogo falecido, há dias, na cidade do Cairo, foi descoberto o *formulário de receitas médicas* mais antigo que se conhece. Esse *papyrus*, que tem de comprimento 11 metros e de largura 10 centímetros, data pouco mais ou menos do ano de 1652 antes de Cristo.

Insere a lista dos nomes das plantas medicinais e as suas propriedades terapêuticas com a exposição de certos ritos e práticas de feitiçaria, que, nessa época, eram inseparáveis da farmácia.

Gostávamos de vêr.

Para avaliarmos como há 4.000 anos se combatiam as moléstias de que enfermava a humanidade.

Estradas municipais

—o—

Pela maioria das Câmaras do país foi dirigida ao Govêrno uma petição no sentido de ingressarem no quadro da Junta Autónoma das Estradas todas as que se acham a cargo dos municípios por êstes não terem verba suficiente para a sua conservação.

Tomou a iniciativa do movimento a Câmara de Evora, pelo que é digna de louvor.

Capitania do porto

=x=

E se a Câmara tomasse a iniciativa de ponderar às instâncias superiores o estado lastimoso em que ficou o edifício da Capitania depois do arranjo que sofreu exteriormente e que tanto o desfeia?

Estamos por certos de que o sr. comandante Casal Ribeiro será o primeiro a concordar. Porque o que está é uma porcaria tão grande, tão grande, que dá nas vistas a toda a gente, não honrando nada os artistas autores de semelhante borracheira.

O das capoeiras...

—o—

Continuâmos a respigar do *Ecos de Cacia*:

O nosso distinto colega *O Democrata*, de Aveiro, transcreveu nos seus últimos números os *sueltos* que publicámos sôbre o conhecido *vigilante* das capoeiras de Cacía e que na séde do concelho arvoraram em *jornalista* para alguns traficantes poderem erguêr os pés contra aquêles que combatem a sua nefasta política.

Ao *Democrata* agradecemos a deferência; mas se tem de transcrever, muito e muito terá a fazer, porque não largarêmos de mão o triste *vigilante*, que tem uma *gloriosa* passagem por Santarem, Lisboa, Cacia, etc., cujo rasto bem merece avivá-lo dêsde que êle tenta ser alguem perante gente honrada e trabalhadora.

Espere o colega porque vamos devagarinho...

É isso mesmo que nós queremos por sempre termos ouvido dizer que devagar se vai ao longe...

Ao colega do *grande panfletário* está reservado um risonho futuro...

Olé, se está!...

IMPRENSA

«CORREIO DA FEIRA»

Entrou na casa dos 40 anos êste paladino dos interêsses do concelho onde se publica e que, dirigido pelo sr. José Soares de Sá, tem singrado na vida quantas vezes vergado ao pêso de desgôstos, de desilusões, qu nã o sep am rijos os ventos do infortúnio. Todavia ainda não caíu vencido e por isso felicitâmos o *Correio da Feira*, esperando vê-lo festejar as suas bôdas de ouro.

No Liceu de José Estêvão

Uma conferência de propaganda colonial pelo nosso ilustre conterrâneo, capitão António Lebre

Na sala da Biblioteca do nosso primeiro estabelecimento de ensino, realisa hoje, pelas 21 horas e meia, a sua anunciada conferência sôbre assuntos de A'frica, que ilustrará com grande número de projecções luminosas, o ilustre colonialista capitão António Lebre, cuja chegada ao solar da Quinta da Senhora das Dôres de Verdemilho lhe tem proporcionado os cumprimentos de alguns amigos.

A conferência, para a qual a reitoria do Liceu distribuiu convites, é subordinada ao título: *Sul de Angola — Etnografia dos Povos do Baixo Cunene.*

Tacanhês

O das capoeiras e outros que tais pretendem que os terrenos que circundam o edifício do Dispensário Anti-Tuberculoso sejam ajardinados, mas quanto antes.

Não há duvida. O tempo tem corrido mesmo de feição para êsses serviços...

Há uns três ou quatro mêses estivemos ali, tendo-nos o sr. dr. Adérito Madeira falado nos seus projectos para logo que deixasse de chover. Mas como isso ainda não aconteceu, eis o motivo porque tanta herva já enfastia *o das capoeiras*...

Colónia Penal

Por um decreto-lei foi criada uma colónia penal para presos políticos e sociais no arquipélago de Cabo Verde.

As andorinhas

—o—

Não sabemos se já repararam: êste ano os ninhos das inocentes ávesinhas estão quási desertos! Coitadinhas! O inverno tem sido tão rigoroso e tão prolongado que, decerto, as que vieram à procura do calôr, não o encontrando e sendo batidas pela chuva e pelo granizo, morreram.

Pelo menos, nós, temos essa impressão.

Coitadinhas!

O TEMPO

—o—

A lua nova apareceu outra vez com chuva. Sinal de que se vão seguir mais trinta dias molhados a avaliar pelo que acontece há seis mêses consecutivos.

Andam com sorte os sequiosos...

"Semana da Tuberculose„

Vai realisar-se nos primeiros dias de Maio. A *Assistência Nacional aos Tuberculosos* faz um apêlo à população de tôdo o país no sentido de obter dela o seu apoio moral e material para a obra que tem em vista e que está longe de atingir o que é preciso para se completar.

Que tôdos, pois, dentro das suas possibilidades, dos seus recursos financeiros, auxiliem a *Assistência Nacional aos Tuberculosos* que o mesmo é que praticar uma bôa acção, uma acção benemérita.

Coisas e tal...

Falando na penúltima semana das possíveis economias que com bôa vontade se pódem fazer, lembrou-me um artigo escrito nos primeiros dias de Janeiro dêste ano pelo sr. Joseph Martin àcêrca das economias e dos gastos das classes populares de Londres no ano de 1935.

Por curiosos, não resisto à tentação de aqui repetir alguns números. Na Caixa Económica dos Correios e Telégrafos os depósitos subiram, com relação a 1934, L. 57.000.000 ou seja nada menos de seis mil e trezentos contos, *aproximàdamente, da nossa moeda!*

No dia 23 de Dezembro, houve, só na gare de Paddington um movimento de 700 combóios. E' preciso elucidar quem nunca pensou no caso, que Londres é uma cidade com mais de oito milhões de habitantes e que tem 250 estações do caminho de ferro, 17 das quais são grandes gares.

Transcrevo, a seguir, um dos mais curiosos períodos do citado artigo:

. . . .

A evidência mais impressionante da prosperidade e bôa vontade gerais foi fornecida pelos Correios e Telégrafos, cuja estatística mostrou que, no Natal, fôram recebidas e entregues cêrca de 286.000.000 de cartas e 10.000.000 de encomendas, tendo o serviço sido feito sem atrazo algum. Em todas as secções fôram batidos os récords *anteriores. O número de telegramas passados foi muito mais elevado do que se esperava. A Estação Geral do Telégrafo recebeu, na véspera do Natal, 325 000 telegramas, em comparação com 194.000 há um ano, ou seja um aumento 66,3 por cento. No dia de Natal passaram por lá 89.000 telegramas, em comparação com 41.500 no ano passado, ou seja um aumento de 114 por cento. Fôram expedidos tantos telegramas de saüdação do Natal, ao custo de nove pence, que o enorme número de impressos fornecidos ficou completamente esgotado.*

O movimento em vales do correio provou também que o país está a atravessar uma época de prosperidade; passaram pelos Correios e Telégrafos 26.5000.000, em comparação com 20.500.000 o ano passada. Durante Dezembro fôram retirados da Caixa Económica dos Correios e Telégrafos L. 10.000.000, ou seja mais L. 1.000.000 do que há um ano.

Com efeito, os números que os meus caros leitores acabam de vêr, são bem impressionantes e mostram não só o valor das economias arrecadadas, como o entusiasmo com que o Natal é festejado na Inglaterra.

*

Ainda a propósito de se poder arrecadar uns patacos quando se quere, vou contar um facto que conheço.

Um dia, estando um amigo meu em um consulado português da capital de um país da Europa Central a lêr as últimas notícias chegadas de Portugal, entrou um cavalheiro atarracado e grosso, boné de pala e pasta debaixo do braço. De português só sabia dizer obrigado. Pediu uns impressos, cavaqueou um pouco e mesmo a despropósito saca da algibeira umas fotografias tiradas por êle havia pouco tempo (umas semanas) na Suécia. As fotografias eram uma lástima, donde se conclue que era fotógrafo improvisado; mas o homem chamava-lhes maravilhas (possìvelmente porque se lembrasse das paisagens de verdade), e fazia entusiàsticamente o relato das peripécias da sua viagem de recreio feita àquêle país.

Atendida a sua requisição de impressos do consulado, o nosso homem disse o melhor possível o seu obrigado português e saiu imensamente satisfeito, feliz.

Quem era o heroi?

Soube então o nosso amigo que se tratava de um contínuo de uma casa exportadora que, com freqüência, ia ao consulado procurar os ditos impressos para as facturas, e que com outros amigos, fazendo mealheiro durante quatro anos, conseguiu organizar um belíssimo passeio.

Este facto vem comprovar o que tenho dito.

Com fôrça de vontade e persistência sempre se consegue chegar a bons resultados.

Ac.

NA GAFANHA

O lançamento do "Brites,, à água

A frota bacalhoeira de Aveiro conta, desde domingo, mais uma unidade pelo lançamento á água do lugre *Brites* nos estaleiros da Gafanha aonde se acham também localizadas todas as sécas pertencentes ás respectivas emprêsas.

A cerimónia do *bota-abaixo* têve logar pelas 16 horas, depois da chegada dos srs. ministros da Marinha e Comércio e Sub Secretário das corporações, que, de passagem, receberam nesta cidade os cumprimentos das entidades oficiais, junto da Arcada, fazendo-lhes a guarda de honra uma companhia de infantaria com a banda de música.

Deveras imponente a largada falta, a seguir, para a Gafanha, em barcos engalanados, indo os srs. ministros num dos gazolinas da Capitania do porto que, abrindo o cortejo fluvial, era acompanhado pelos restantes, enquanto uma extensa fila de automóveis o ladeavam, deslizando pela estrada marginal.

Milhares de pessoas assistiram, pois, á emocionante cerimónia, tendo o *Brites* entrado na água no meio de uma calorosa salva de palmas, do estralejar de foguêtes e do hino nacional executado pela Banda dos Bombeiros Guilherme Gomes Fernandes. Após, falou á multidão, duma tribuna improvisada, o sr. ministro do Comércio, dr. Teotónio Pereira, que depois de pôr em relêvo o significado da festa, condecorou com as insignias do Mérito Industrial o mestre Manuel Maria Mónica, construtor do *Brites* e de tantos outros barcos que as limpidas águas da nossa ria têm recebido em seu seio.

Também falou o sr. Carlos Lino, presidente do Grémio dos Armadores da Pesca do Bacalhau, que poz em relêvo a acção do Estado Novo, promovendo o desenvolvimento da importante indústria e por último, aínda, o sr. dr. Vaz Craveiro, de Ilhavo, que agradeceu a comparência dos membros do Govêrno, lembrou a conveniência dos bacalhoeiros serem assistidos dum navio hospital e, em caso de desastre ou morte, haver um seguro a favor das famílias dos tripulantes de maneira a livrá las da miséria.

Um *copo de água* oferecido nos armazens da firma Testa & Cunhas constituíu a parte final do programa elaborado para assinalar mais um dia grande na Gafanha, não lhe podendo, porém, este jornal fazer larga referência devido á falta de convite.

E como *nem a bôda nem a baptisado vás sem ser convidado*, por aqui nos quedâmos, desejando ao *Brites* as máximas felicidades durante a sua carreira marítima.

Ofício honroso

O sr. capitão Eduardo Pinto da Veiga, presidente da Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra desta cidade, recebeu o sêguinte:

«Porto, 14 de Abril de 1936

Ex.mo Senhor Presidente da Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Aveiro

Ex.mo Camarada:

De regresso a esta cidade, depois de cumpridos os devêres que foram único motivo da nossa romagem ao Mosteiro da Batalha, outro dever nos é grato cumprir: o de apresentar a V. Ex.a e aos ilustres camaradas da Direcção da Liga a que V. Ex.a tão dignamente preside, a expressão do nosso profundo reconhecimento pela recepção com que quizeram honrar os humildes combatentes que compõem êste grupo.

Comparável á emoção que nos trespassou o coração de patriótica saüdade e profundo orgulho, junto da tumba raza do Soldado Desconhecido, na Sala do Capitulo, só essa outra que a camaradagem e fidalgo procedimento de V.as Ex.as nos fizeram sentir junto do Monumento aos nossos Mortos na linda cidade que hoje nos é tão querida como se nossa fôra.

A união de todos os Combatentes, restos de um pequeno Exército que se bateu em nome dum grande povo, só assim póde cimentar-se para formar um bloco que possa, pela sua grandeza, sobrepôr-se ao esquecimento que avassala as gerações que surgem e que nos olha como se nós fôssemos fantasmas saídos da antiga História de Portugal.

Todos os sócios deste Grupo, e muitos são, esperam, em breve tempo, ir á cidade de Aveiro agradecer aos seus camaradas a desusada honra com que houveram por bem distingui-los nessa hora inolvidável de 9 de Abril.

Pedindo a V. Ex.a para apresentar os nossos agradecimentos aos seus ilustres colegas e demais camaradas e, ainda, ao Ex.mo 2.º Comandante de Infantaria n.º 19, ousamos pedir-lhe que cumprimente e por nós agradeça tambemao Ex.mo Governador Civil sa gentilezas com que nos distinguiu.

Recebu V. Ex.a os nossos respeitos e conte com a eterna dedicação dos que são

De V. Ex.a

Camaradas muito gratos

O Presidente,

a) Luís Ribeiro da Cruz

O Secretário,

a) António dos Santos Gonçalves»

Secção desportiva

Foot-Ball

União 4—Beira-Mar 1

Deslocou-se, domingo, a Coímbra, desfalcado de alguns dos seus melhores elementos, o *Sport Club Beira-Mar* que no Campo da Arregaça foi batido pelo *União* por 4-1.

Terminou a primeira parte por um empate de uma bola.

Belenenses—Beira-Mar

No Campo de S. Domingos realizou-se, segunda-feira, o encontro entre o valoroso *Belenenses*, da capital, com o *Beira-Mar*, que fez uma exibição abaixo das suas possibilidades, ficando vencido por 4-0.

A arbitragem, a cargo de Gabriel Fernandes, teve dificiências.

* *

Para ámanhã estão marcados dois desafios no Estádio Municipal: um entre *Beira-Mar* e o *Académico*, do Porto, eoutro entre *Galitos* e *Recreio Desportivo de Agueda*, para o Torneio Vale do Vouga.

E esta?

—o—

Segundo o *vigilante das capoeiras de Cacia* o espectaculo do *bota-abaixo* na Gafanha têve o seu quê de semelhança com uma tarde de toiros em Santarem ou Vila Franca, quando o cartaz anuncia um curro de bichos de bons criadores e lidadores celebres!!!

Assim mesmo, com todás as letras, sem tirar nem pôr.

Que fina, que admirável comparação!

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.a D. Palmira de Moraes Sarmento Lima e o nosso prezado amigo dr. António do Nascimento Leitão, coronel-médico, residentes em Lisboa; àmanhã, a sr.a D. Maria Carolina Alves Machado Soares, sobrinha do sr. dr. Manuel Rodrigues da Cruz; no dia 27, o académico Carlos Fausto Seabra de Azevedo, aluno do Liceu José Estêvão e filho do sr. Manuel Seabra de Azevedo, activo comerciante em Sá da Bandeira (África Ocidental); em 28, a sr.a D. Dídia da Costa Guimarães Estrela dos Santos, esposa do sr. Arnaldo Estrela dos Santos e em 1 de Maio, as sr.as D. Maria da Conceição V. Gamelas Tavares e D. Sara Lopes Mortágua, esposas, respectivamente, dos srs. capitão João Pereira Tavares e José F. da Costa Mortágua, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company; a menina Maria de Lourdes Cristo, filha do sr. Júlio Cristo, escrivão de Direito na comarca e o quintanista dr. David Cristo, da Universidade de Coimbra.

—Tambem na quinta feira completou 6 ridentes primaveras a inocente Maria Luisa de Rezeude Godinho, filhinha da sr.a D. Ester de Rezende Lopes Godinho e de seu marido o sr. José Lopes Godinho, ambos professores no concelho de Oliveira de Azemeis.

Parabens.

Casamentos

Em Macieira de Cambra efectuou-se a semana passada o enlace matrimonial da sr.a D. Brites do Amaral Aguiar, dilecta filha da sr.a D. Olímpia do Amaral Aguiar e de seu marido o sr. António Aguiar, oficial do Govêrno Civil, com o sr. Firmino de Carvalho, de Guimarães.

Após a cerimónia foi servido na vivenda dos pais da noiva um opíparo banquete a que assistiram as sr.as D. Maria Coutinho Calheiros Lobo, D. Arminda Moraes Amaral e filhas, D. Brites do Amaral e filhos, D. Adelina Correia, D. Virgínia Ferreira, D. Benilde Ferreira Aço, D. Ana Aguiar, D. Elvira Torrado, marido e filhos, do Porto e os srs. dr. Adolfo Coutinho, desembargador da Relação de Lisboa, dr. Herculano Coutinho, dr. Augusto Correia do Amaral, dr. Emílio Coutinho e esposa, António Coutinho e esposa, Bazílio Ferreira, Manuel de Pinho e esposa, Manuel Nogueira Santana, Manuel Tavares e filhas, Manuel de Oliveira e esposa, Guilhermino Carvalho e esposa, de Braga, e Eduardo Rodrigues e José Vieira, do Porto, etc.

Muitas e variadas prendas faziam o recheio da corbeille *da noiva, destacando-se algumas de fino gôsto e valor.*

Aos nubentes, que partiram para o Minho em viagem de núpcias desejâmos um futuro venturoso.

—Em Paço de Arcos foi pedida pelo sr. Manuel Nunes Vidal para seu filho o nosso conterrâneo e amigo, dr. Ernesto Nunes Vidal, com consultório no Porto, onde há pouco concluiu a sua formatura em medicina, a mão da sr.a D. Adília de Noronha Vasconcelos, prendada filha da sr.a D. Adelina Sousa Neves e Vasconcelos e de seu marido o sr. João Miranda Noronha e Vasconcelos, inspector das Alfândegas.

O enlace efectuar-se-há brevemente.

Partidas e Chegadas

A seu pedido acaba de ser colocado na Direcção de Estradas do distrito de Braga, o sr. engenheiro Moniz de Freitas, que, de passagem, aqui esteve esta semana.

—A passar alguns dias encontra-se entre nós o nosso amigo dr. Humberto Leitão, médico da Companhia Nacional de Navegaçao.

Doentes

Contiuúa a inspirar cuidados o estado da sr.a D. Maria das Dores Freire, dedicada esposa do nosso particular amigo sr. José Moreira Freire, que há meses adoeceu.

—Já veio de Lisboa, tendo obtido algumas melhoras, a sr.a D. Clotilde Cunha, esposa do sr. Luís Cunha, funcionário dos correios e telégrafos.

—Tendo chegado de Coimbra, onde esteve em tratamento, partiu ontem para Macieira de Cambra o nosso amigo Domingos Magalhães, que ali passará uma temporada.

Oxalá que o seu restabelecimento se não faça esperar.

A ESTAFA

—Trabalhar para viver; descançar para existir.

Quem trabalha precisa de descanso. Sem repouso compensador o organismo esfalfa-se, abate-se, a saúde altera-se. Obrigar um indivíduo a trabalhar excessivamente corresponde a fazê-lo ingerir um tóxico. Quem trabalha sem descanso, envenena-se. Ainda há pouco tivemos uma prova disso numa aposta de resistência havida nos Estados Unidos entre dansarinos; após 36 ou 40 horas de redopios ininterruptos, alguns deles falecem. Devem ter morrido como tetanisados. Outro exemplo é a clássica corrida do soldado de Maratona que, após vencer 40 quilómetros para levar a notícia da vitória, caiu morto de exaustão.

Êstes são casos de intoxicação aguda ou estafa aguda. O organismo, quando trabalha, produz substâncias que precisam de ser eliminadas, tal e qual as máquinas de caminho de ferro com as cinzas e fumo. No caso humano os resíduos são ureia, uratos, sulfatos, leucomainas, etc. que os emunctórios (orgãos eliminadores) tem por função regeitar. São êles a pele, os rins, os intestinos, os pulmões. Se a produção destes resíduos é superior à capacidade dessimiladora dos emunctórios—que acontece? Entram para a corrente circulatória, depositam-se nos orgãos essenciaes da vida, provocando fenómenos de envenenamento, de maior ou menor intensidade, conforme o grau de fadiga.

No caso da estafa ser mínima, porém repetida constantemente, a auto-intoxicação faz-se lentamente, crónicamente, de um modo inperceptível. Os indivíduos não dão, a principio, pelo que se está passando e continuam acumulando toxinas no fígado, nos rins, neste ou naquele orgão, que vai sofrendo maléfica influência, e, como acontece com os alcoolicos inveterados... terminam com as vísceras esclerosadas.

Uma pessoa crónicamente estafada, que fôr obrigada, de um modo fortuito, a um esforço maior, repentinamente acusará taquicardia, aritmia, (batimentos rápidos e desordenados do coração); a respiração tornar-se-há ofegante e irregular, surgirão dores pelo corpo, prostração, inapetência. Há casos em que devem febre e delírio. E' de observação corrente, após um trabalho excessivo, quer físico ou intelectual, sobrevir insónia ou um sono agitado, entrecortado de sonhos fantásticos ou pesadelos.

Ha milhares de indivíduos que devem a sua velhice precoce à estafa crónica, às fadigas repetidas. São precocemente atingidos de arterio-esclerose, tornam-se irritáveis, impertinentes, obsecados e fazem o martírio dos parentes e de tôda a gente.

Convém salientar o seguinte: as pessoas que vivem em constante ou intermitente exaustão, além do mais, apresentam o organismo com a energia reduzida, em estado de menor resistência, em estado de grande receptividade mórbida. Constituem fracas presas à gripe, à tuberculose, à pneumonia, quando adoecem, apresentam-se quasi sempre em estado grave, porque os rins e o coração não têm capacidade para resistir, com vantagem, aos embates.

Quem quizer prolongar a vida deve poupar o organismo, saber usar das 8 horas de trabalho diurno sem se esfalfar, e se por acaso fôr obrigado a um excesso, convém, logo depois, tomar um prolongado banho morno (não frio), bebidas alcalinas ou ácidas; convém, mesmo, tomar um purgativo salino, quando se torna necessária a imediata desintoxicação do organismo, no sentido de poupar os rins; procurar, finalmente, conciliar um sono reparador.

Para os auto-intoxicados crónicos é indispensável um regimen prolongado de repouso, com abstração de trabalhos e apreensões; um alheamento completo de vida activa, das ocupações profissionais. Uma viagem de recreio é de magnífico efeito.

(Da Liga Portuguesa de Profilaxia Social)

Necrologia

Vitimado por uma hemorragia cerebral sucumbiu quási repentinamente, na segunda-feira, o sr. Octávio Ferreira Patacão, muito considerado no bairro piscatório, onde vivia.

O seu cadáver foi depositado na capela de S. Gonçalinho de onde, no dia seguinte, saiu o funeral com largo acompanhamento para o cemitério central, tendo conduzido a chave da urna o sr. dr. Jaime Duarte Silva, advogado na comarca.

Deixou viúva e contava 62 anos.

* *

Terça-feira extinguiu-se o sr. César Augusto Ferreira, que do concelho de Agueda, onde nascera, para aqui viera muito novo, dedicando-se ao comércio.

Contava 71 anos, era casado com a sr.a D. Beatriz Ferreira Estima e não deixa filhos.

O seu cadáver foi sepultado, civilmente, no cemitério central.

* *

Em Lisboa também há dias deixou de existir com 66 anos, o sr. Júlio Martins de Almeida, professor da extinta Escola Normal desta cidade, onde viveu com sua família.

Era natural de Cêpos (Arganil), deixando viúva e alguns filhos, a quem estremecia.

* *

Faleceram mais: nesta cidade, D. Maria da Luz Gomes Ferrão, viúva, de 70 anos, natural de Cantanhêde e Rosa Ferreira da Silva, viúva, de 98 anos, sogra do sr. Justiniano Almeida; em *Taboeira*, João Nogueira Simões, viúvo, de 90 anos e em *Aradas*, Tereza de Jesus Neto, viúva, de 72 anos e Ana da Nazaret Marques, de 66 anos, vitimada por uma hemorragia cerebral.

A's famílias enlutadas, as nossas condolências.

Venda de um prédio

com duas vivendas, na rua de S. Roque e nova rua do Bairro da Apresentação.

No próximo dia 3 de Maio, pelas 14 horas, no escritório do advogado Jaime Duarte Silva, far-se-há a venda a quem mais der do prédio que foi da falecida Carolina Batista Moreira. A avaliação será presente e os seus proprietários reservam-se o direito de não fazer a entrega.

A APOSENTAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS

O Decreto-lei n.º 26.115 que reformou os vencimentos do funcionalismo civil, pondo termo às incongruências de uma legislação dispersa em que se verificava tôda a classe de anomalias, com prejuizo da boa órdem dos serviços públicos e até da moral, continha disposições relativas à aposentação dos funcionários, em órdem a garantir-lhes que as pensões viessem a corresponder ao vencimentos que passaram a ter.

Tinha-se formado a ideia de que a aposentação dos funcionários constituia uma obrigação do Estado e não uma forma de seguro a cargo dos mesmos. Deu-lhe origem o sistema adoptado quando, pela desvalorização monetária, se efectuaram actualizações de vencimentos, supostas transitórias. Integrados, em 1927, essas melhorias nos vencimentos, considerou-se, porém, que as cotas para a Caixa de Aposentações representavam pràticamente um aumento, visto não serem deduzidas nos vencimentos. Daí resultou andar no Orçamento um subsídio à Caixa de Aposentações de 69.000 contos que, teòricamente representava a cota dos funcionários e o encargo que o Estado assumia de actualizar as pensões anteriormente concedidas.

Criada em 1929 a Caixa Geral de Aposentações, manteve-se até há houco o mesmo regime, aguardando oportunidade de uma revisão que adequasse os vencimentos às condições precisas para se pôr em prática o salutar princípio de que a aposentação dos funcionários deveria ser por êles ganha. Assim acontecia anteriormente, embora sem a observância de regras técnicas, pois que os funcionários descontavam para a aposentação 5% sôbre os seus vencimentos.

Não fazia sentido, nem seria justo nem moral, que, ao contrário do que acontece a qualquer outra classe de trabalhadores, os funcionários tivessem o privilégio de se aposentarem a expensas do contribuinte.

Com a reforma de vencimentos supra-citada estabeleceu-se que os funcionários garantiriam o seu direito à aposentação, mediante o pagamento de uma cota de 3%, devendo, porém, indemnizar a Caixa com uma cota suplementar de 2% ou de 1% sôbre os seus actuais vencimentos, em função du número de anos de serviço anteriormente prestado, e pagável em prestações. Com isto se obteria a compensação necessária para que a Caixa fizesse face aos encargos de pensões futuras, para as quais os subscritores não tinham integralmente contribuido.

Ter-se-iam lamentado alguns funcionários por o encargo resultante lhes diminuir vencimentos líquidos. Muitas dessas queixas levantaram clamor, menos talvez dos próprios interessados do que de elementos que procuram aproveitar se de descontamentos legítimos ou ilegítimos.

Com singular isenção e superioridade de espírito, o autor da reforma declanou que ela não podia ser completa nem perfeita nem definitiva. O *mare magnum* da desordem sôbre que teve de alicerçar-se, dominando-a, daria ocasião a que, na prática, se verificassem quaisquer anomalias. Esta afirmação bastava para que se confiasse na justiça, que é timbre do actual sistema de govêrno e que é preocupação dominante dos seus chefes.

É assim que em novos moldes veiu a ser estabelecido o regime das cotas para a aposentação. O Decreto-lei N.º 26.503, de 6 do corrente, resolve pela forma mais equitativa o problema, determinando que nos vencimentos superiores a 600$00 a cota seja de 4%, mantendo-se a de 3% para os vencimentos inferiores àquêles. A indemnização para ocorrer aos encargos resultantes das pensões basedas nos actuais vencimentos é reduzida para 1% e o seu pagamento só é devido depois de aposentado o responsável, e em número de prestações tál que não torne a pensão inferior à que o funcionário teria direito antes da remodelaçãodos vencimentos.

Outra medida é promulgada, em plena identidade com o pensamento que orienta a vida social portuguesa, tornando extensivo o direito de aposentação a tôdos os contratados e assalariados que façam parte dos quadros civis dos estabelecimentos e serviços do Estado, constantes da lei ou aprovados pelo Ministério competente.

O reconhecimento dêste direito representa um acto de justiça, pois que de outro modo seria negado aos servidores do Estado, não compreendidos no exercício de funções vitalícias (ápa rte alguns que já usufruiam êsse direito) a possibilidade de beneficiarem de garantias na invalidez e na velhice que a próprio Estado procura estabelecer, por meio da organização corporativa, em favôr dos que trabalham nas actividades privadas.

Aos mesmos e aos subscritôres actuais se confere também a faculdade de promoverem que lhes seja contado o tempo de serviço prestado ao Estado anteriormente, que nos termos dêste decreto, deva ser contado para a aposentação, mediante o pagamento da cota legal, que pode ser feito em prestações.

Fica ainda o Govêrno autorizado a tornar o direito à aposentação extensivo aos funcionários dos corpos administrativos e a determinar a incorporação na Caixa Geral de Aposentações das caixas de reforma ou aposentações que existam a cargo dos Corpos Administrativos.

Correspondencias

Eixo, 13

Calisto Dias Saldanha

Teve hoje lugar a homenagem que a Associação Assistencia e Educação resolveu prestar ao grande benemérito da nossa terra e na qual tomaram parte os professores e todos os alunos das escolas.

Depois de se proceder á distribuição de vestuário a 72 crianças, das mais pobres, na sala das sessões da Junta de Freguesia deu-se principio á sessão solene que foi presidida pelo sr. dr. Diniz Severo, servindo de secretarios as sr.as D. Ermelinda Marques Saldanha e D. Carminda Marques Saldanha, D. Sofia de Brito Freire Saldanha e José M. Alves de Azevedo, sobrinho do homenageado. No meio duma comovedora salva de palmas, descerrou-se o retrato de Calisto Saldanha, usando da palavra os srs. Aristides Figueiredo, dr. Alfredo Coelho de Magalhães e o professor João de Pinho Brandão, que duma forma brilhante e elevada enalteceram as qualidades do extinto, proferindo tambem uma pequena alocução de agradecimento o aluno António Julio Nunes Fernandes, que foi muito aplaudido. Nas escolas masculina e feminina procedeu-se igualmente á inauguração dos retratos do sr. Presidente da Republica. Na primeira houve uma sessão solene presidida pelo Director do Instituto Superior do Comercio, sr. dr. Alfredo Coelho de Magalhães, secretariado pelas professoras D. Aldara de Pinho das Neves e D. Leopoldina Louro. Falou sobre o significado civico desta festa o professor João de Pinho Brandão que, em palavras vibrantes de patriotismo, fez um apêlo a todos os portuguezes a quem recomendou união no momento gràve que o Mundo atravessa.

Por ultimo organizou-se um cortejo para a plantação de duas arvores: uma no lugar da S.ª da Graça e outra na Aloquela.

Abrilhantou todos estes actos a Banda Eixense.

C.

Oliveirinha, 23

Faleceu na Granja de Baixo a esposa do sr. Manuel Dias Lopes, que há bastante tempo vinha sofrendo duma pertinaz doença.

Sepultou-se na segunda feira, sendo acompanhada ao nosso cemitério por muitas pessoas das relações da família.

Pêsames aos doridos.

— A feira dos 21 têve escassa concorrência devido, em parte, à chuva que persiste em não nos deixar.

C.

Verdemilho, 16

Uniu-se pelos laços do matrimonio a menina Rosa dos Santos Marinheiro, filha do sr. Antonio dos Santos Furão, com o sr. Antonio dos Santos Madail, filho do sr. Manuel dos Santos Madail.

Testemunharam o acto os srs. dr. Lourenço Peixinho e Manuel dos Santos Furão, residente em Ilhavo.

Muitas felicidadades.

C.

Costa do Valado, 23

Dos espectáculos anunciados para sábado e domingo só se realizou o dêste último dia por o tempo chuvoso impedir que se saisse de casa no anterior.

A representação constou de *Os maestros*, tercêto cómico, por Manuel Bernardo, Piguerto Oliveira e Laurentino Santos; *A Moleirinha*, canção, por D. Celeste Maia e D. Maria Carvalho; *Pátria*, comédia infantil, por Maria Ana Lopes, Dorinda Garcia, Laurentino Santos e José Carvalho; *Dá-me um beijo*, canção, por D. Celeste Maia e D. Maria Carvalho; *Margarida*, canção, por D. Isaura Carvalho e D. Maria Carvalho; *Rosas de todo o ano*, comédia em 1 acto, por D. Margarida Maia e D. Iraci Carvalho; *Os dó, ré, mi*, terceto cómico, por D. Celeste Maia, D. Iraci Carvalho e D. Maria Carvalho; *A bonequinha francêsa*, recitativo, por a *mascotte* do grupo, Lourdes Ferreira Maia, e *As camélias*, canção, por D. Maria Carvalho.

O público, que, por completo, enchia o nosso teatrinho, aplaudiu merecidamente todos os amadores, devendo a récita repetir-se na noite de 26 visto muita gente ter retirado por falta de lugares.

— De visita a sua filha e genro, sr. Manuel Maia, esteve entre nós, com curta demora, o sr. Vicente Bernardo, de Mião do Douro.

— A Gandara, toda a Gandara dos adôbes continúa inundada, dando a impressão dum formoso lago. Só lá faltam uns pequenos barcos de recreio. De resto é completo. Nunca se viu uma coisa destas, nem há memória — dizem os velhos. E o volume da água tende a subir porque as chuvas ainda não cessaram, pondo agora em perigo duas pequenas casas construidas no sítio mais alto, quási ao nível d estrada.

Calculem para onde isto vai! Verdadeiramente fantástico!

Sôbre prejuizos não falâmos, tantos êles são.

Os batatais estão, na sua maioria, perdidos. Não há favas, não há ervilhas, não há hortaliça, não há nada, enfim, que se aproveite. Tudo afogado, tudo.

Uma calamidade!

C.

O perigo dos ratos

=o=

A Direcção da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, foi ultimamente alarmada com a trágica notícia de que os ratos perfuraram o crâneo a uma creança de peito, o que infelizmente não é caso único, pois aínda há pouco tempo os jornais noticiaram que outra creança de nove mêses morrera em virtude de os ratos lhe terem devorado um pé e as mãos e produzido ferimentos graves na cabeça.

Impressionada com tais factos e aínda porque os ratos são transmissores de perigosos contágios, como os da peste, raiva, espiroquetose, triquinose, várias doenças exóticas etc., a Direcção da Liga Portuguesa de Profilaxia Social obteve, no desejo de prestar á população portuguêsa mais um relevante serviço de profilaxia, dum ilustre Professor da Universidade do Porto, um trabalho notável sôbre ratos (perigos e processos de exterminação), que a Liga pretende imprimir e distribuír gratuítamente, com largueza.

Sucede, porém, que devido á exigüidade do seu orçamento a Liga não póde arcar com semelhante despeza, e por isso torna público que aceita a colaboração financeira de qualquer filantropo que queira prestar um serviço á sua Pátria, por intermédio da Liga de Profilaxia, ou então de qualquer laboratório, farmácia ou empreza comercial, em troca de um reclamo a um bom raticida ou outro produto de comprovada utilidade.

A quem interesse pedimos o favor de se dirigir á séde da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, Rua de Santa Catarina, 108 — Porto.

Comarca de Aveiro

—o—

Anúncio

1.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da 2.ª Vara da Comarca de Aveiro, 1.ª secção, a cargo do chefe Santos Victor, foi instaurada uma acção de interdição por prodigalidade contra José da Cruz e Sousa, solteiro, desta cidade, pelo autor seu pai Manuel José de Sousa, casado, proprietário, tambem desta cidade. E na referida acção, por sentença de 4 do corrente mês, foi decretada a interdição geral daquele José da Cruz e Sousa, ficando, assim, este privado da administração total de seus bens, nos termos dos Artigos 340 e 344 do Codigo Civil e Artigo 424 § 3.º e 5.º do Código do Processo Civil, o que se anuncia para os devidos efeitos.

Aveiro, 17 de Abril de 1936.

Verifiquei:

O Juiz de Direito, substituto,
José de Almeida Azevedo

O Chefe da 1.ª Secção da 2.ª Vara,
António Augusto dos Santos Victor

EDITAL

Miguel dos Santos e Silva, Engenheiro Chefe da 2.ª Circunscrição Industrial:

Faço saber que, a VACUUM OIL COMP. NY pretende licença para instalar um tanque de petroleo, com a capacidade de 45.000 litros, incluido na 1.ª classe, com os inconvenientes de perigo de incendio e de explosão e emanações nocivas, sito junto da Estação de Caminho de Ferro de Aveiro, freguesia de Vera-Cruz, concelho e distrito de Aveiro.

Nos termos do regulamento das Industrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de trinta dias a contar da data da publicação e afixação deste edital, pódem todas as pessoas interessadas apresentarem reclamações por escrito contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 5889, nésta Circunscrição, com sede em Coimbra, Avenida Navarro n.º 41.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição industrial, 16 de Abril de 1936.

PELO ENGENHEIRO CHEFE
Francisco Mateus Mendes

Comarca de Aveiro

1.ª Vara

Arrematação

2.ª publicação

No dia 26 de Abril próximo, por 13 horas, no lugar de S. Jacinto, da freguezia da Vera-Cruz, desta cidade de Aveiro, e no edificio da fábrica que pertenceu á firma *Brandão Gomes & Companhia, L.ª*, com séde no Porto, e na execução fiscal administrativa que a Fazenda Nacional move contra esta firma, proceder-se-á à arrematação, em haste pública, a-fim-de serem entregues a quem maior lanço oferecer, dos móveis que foram penhorados àquela firma *Brandão Gomes & C.ª, L.ª*.

Por êste meio são citados quaisquer crédores incertos para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 9 de Março de 1936.

Verifiquei:

O Juíz de Direito,
Correia Marques

O Chefe da 2.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo